

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 673

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

NATAL



BOAS FESTAS

Leitores do «Pim-Pam-Pum»
que Jesus, do Infinito,
batare ao lar de cada um;
e encha os vossos sapatinhos
de tanto e tanto bontito
que inda cheguem para dar
alguns aos mais pòbrezinhos
sem chaminé e sem lar

1938

ARCINHO

■ O CAMINHO DO BEM ■

por ASDRÚBAL GUERRA

ERA uma vez um menino muito mau, que tinha o péssimo defeito de maltratar os animais. Quando chegava a primavera, tirava os ninhos as andorinhas, partindo os ovos que elas continham, matava gafanhotos, agarrava grilos, indo depois depositá-los em pequenas prisões, coisas que os nossos pequeninos leitores não devem fazer.

Ora, uma tarde, quando João, (assim era o seu nome), estava no seu campo a procurar um desses inofensivos animazinhos, passou junto dele um cavaleiro luxuosamente trajado, e, vendo o pequeno de joelhos no chão, perguntou-lhe:

— «Que fazes aí, pequeno?»

— «Estou a ver se apanho este grilo, que já me fez estar aqui há mais de meia hora.»

— «Ouve lá, queres tu vir dar um passeio a cavalo?»

E sem nenhuma hesitação, o Joãozinho montou. Nenhum daqueles caminhos era desconhecido ao pequeno. Andaram longo tempo. Chegados a uma quinta, avistaram um palácio, contornado por um belo jardim. O pequeno perguntou logo que palácio era aquele. O senhor respondeu:

— «É o Palácio do Bem, onde se corrigem todos os meninos das várias maldades que cometem. Tu, por exemplo, ir-te-ás lá emendar do péssimo defeito que possuis: maltratar os animais.»

Chegados ao portão principal, que se abriu automaticamente, desceram do cavalo. O pequeno ia a perguntar se podia bater à porta, quando esta



se abriu sem que ninguém a movesse. Por dentro, o palácio era ornado de tudo quanto era belo. Entretanto, os pais de Joãozinho, estavam receosos de que tivesse acontecido algum mal ao seu único filho.

Já o senhor se encontrava dentro dum compartimento, a conversar com o petiz, quando o cavaleiro desapareceu, e, ao mesmo tempo, se ouviu uma voz grave a dizer:

— «Não tentes fugir porque te é inútil; encontrarias um ou dois guardas em cada porta.»

Então, o pequeno desatou a chorar e pensou:

— «Quantas lágrimas teriam já chorado os meus pobres pais?!»

Levou a noite em reflexões. No dia seguinte, de manhã, ouviu a mesma voz a dizer.

— «Vejo que já recuperaste um pouco de consciência. Mas não é tudo quanto é preciso para que possas sair deste palácio encantado.»

— «Então o que poderei fazer para sair d'aqui?» perguntou:

— «Sobe a escada e verás!»

Subiu. Viu dois guardas, um de cada lado da porta, com duas lanças cruzadas. Ouvia, depois, dizer: — «Entra!...»

Entretanto, os dois guardas, como autómatos, retiraram as enormes lanças. Entrou. Viu-se rodeado de enormes pássaros, de gafanhotos, de grilos; todavia só um lhe causou espanto: um grilo mas de forma e tamanho descomunal.

Ouviu uma voz, mais grave ainda do que a anterior, exclamando num berro: — «Não te trouxemos para aqui,



NOITE BEMDITA

POR FELIZ VENTURA

PARA O GLORIALDO LER COM ATENÇÃO

A neve, tão leve, caíndo do céu, branca como arminho, tornava de branco o negro caminho.

O lençol nevado ia aumentando cada vez mais.

No céu, estrelado, a lua sorria, num sorriso brando.

E os velhos pastores diziam pasmados: — «Que noite tão bela que até no ar andam perfumes subtís! Porque é que, esfaimados, os lobos ferozes não saíem velozes dos tórvos covís?»

«Que estranha esta noite! — Dizia um pastor — Eu que já setenta invernos contei, e os tenho passado na serra entre o gado, noite como esta jámais contemplei!



Porque é que sentimos suave torpor? Que doce alegria nos entra no peito, fazendo pulsar nosso coração? Que estranha atracção; Pois até nos montes as humildes fontes parecem cantar!»

E os pobres pastores, mudos de surpresa, ante essa beleza, punham-se a cismar: — «Suaves odores se emanam da terra.

Enchem vale e serra. Ai, porque será?»

É que, bem distante, muito para além, nessa noite bela, cercada de luz, na doce BELEM, nascia JESUS.

E, continuamente, a neve tão leve, caíndo do céu, branca como arminho, tornava de branco o negro caminho.

para pensares o que agora julgaste fácil fazer. Reflecte: só sairás daqui, quando te emendares do teu grande defeito.»

Joãozinho, mudando de ideas, disse, então:

— «E se eu vos pudesse soltar, para apreciardes a beleza da natureza? — «Podes, porque, enquanto aqui estiveres, tudo é teu.»

Então, o pequeno abriu a janela, pela qual viu as avezinhas recuperarem a liberdade. E, com o maior cuidado, atirou os grilos para os canteiros...

— «Muito bem, muito bem... Agora mereces a recompensa.»

Desta vez, não era a voz que falava, mas sim o mesmo senhor que o trouxera para ali.

— «Agora, se fosses para casa, o que farias tu aos teus animazinhos?»

— «Faria o mesmo que fiz a éstes.» — respondeu, prontamente, o pequeno.

— «Bem... Então... Podes sair.»

— «Mas...»

— «Sai, sem receio algum.»

Desceu. A ordem do senhor, subiu para o mesmo cavallo que o trouxera. Assim que chegou a casa, notou que os pais estavam vestidos de luto. Iam para o beijar, mas este disse-lhes: — «Um momento...»

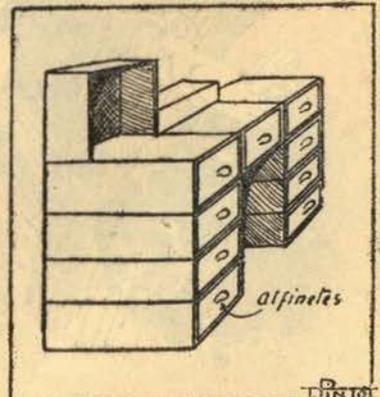
E foi soltar os grilinhos... Depois de muito abraçado e beijado, Joãozinho veio à porta agradecer ao povo, que ali se encontrava admirado de o ver novamente. E contou o sucedido, acrescentando:

— «Não maltrateis os animais, porque vos pode acontecer o mesmo.»

Dai sempre liberdade às avezinhas, pois só procedendo assim, podereis ser felizes.

UMA SECRETÁRIA COM CAIXAS DE FÓSFOROS

São precisas, como verão, dez caixas. A forma de as armar é tão simples que os leitorzinhos a construirão sem explicações.



F I M

CONTO DO NATAL

A MÃE PINHEIRO
E O SEU MENINO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

COM a manhã que acordara rosada e fresca, os passarinhos, também despertados, chilreavam, alegremente.

Mas, um pardal, chefe do bando, pôs termo àquela barulhada, dizendo, autoritário:

— «Calem os biquinhos, caros passarinhos. Ouçam a pinheira, numa choradeira, num grande lamento que nos traz o vento.»

Então, os outros calaram seus cantos e levantaram vôo para, mais de perto, ouvirem os lamentos da triste pinheira que assim murmurava:

— Olhai minha dôr, ouvi meu clamor. O meu pequenino, meu lindo menino, foi hoje cortado p'lo cruel machado!

Daqui mo levaram, mo arrebataram! Choro a triste sorte — quem sabe se a morte! — do tenro filhinho, do meu pinheirinho

Lembrados do lindo pinheirinho que, ainda na véspera, ali fazia brilhar ao sol as suas agulhas, dos olhos dos passarinhos caíram lágrimas de tristeza.



Parlamentaram muito tempo uns com os outros. Depois, um deles dirigiu-se à mãe pinheira com estas palavras, chilreadas de mansinho, para não perturbar a sua dôr inconsolável.

— «Nós vamos embora, voar por aí fora, nós vamos em cata, aí, pela mata, correremos herdades, aldeias, cidades, matagais, pinhais... pois queremos achar,

procurar o teu pequenino, pinheiro menino. E nós juraremos que só voltaremos, depois de saber onde é que foi ter o teu pequenino, pinheiro menino.»

Em revoadas, partiram, desaparecendo no azul do céu. Mais consolada com aquela resolução dos passarinhos, a mãe pinheira esperou-os, numa ansiedade.

Sempre agitando os ramos carregados de pinhas, não sossegava nem de noite nem de dia.

O tempo ia passando... A pobre pinheira já desesperava que eles voltassem. Até que, certo dia, uma nuvem escura toldando os ares, foi-se aproximando...

A pinheira viu, alvoroçada, que essa nuvem era formada pelos passarinhos, muito juntos, muito unidos, a voar, a voar, sem descanso.

Assim, chegaram perto dela.

Vinham alegres... Boa nova lhe traziam com certeza e o coração da pobre pinheira bateu, apressado.

Nos seus ramos pousaram e assim trinaram, atropelando os trilos, os pius, pois todos queriam ser os primeiros ouvidos.

— «O teu filho teve uma sorte feliz» — disse um.

— «Onde está o meu menino?» — indagou ela, tremendo de comção.

— «Numa casa da cidade...» — disse o segundo passarinho.

— ... «num salão rico» — explicou o terceiro.

— ... «aquecido pelas luzinhas das velas que brilham nos seus ramos...» — comentou o quarto.

— ... «enfeitado com fios de prata e ouro...» disse um outro.

— ... «estrelas brilhantes...»

— ... «bolas de côr...»



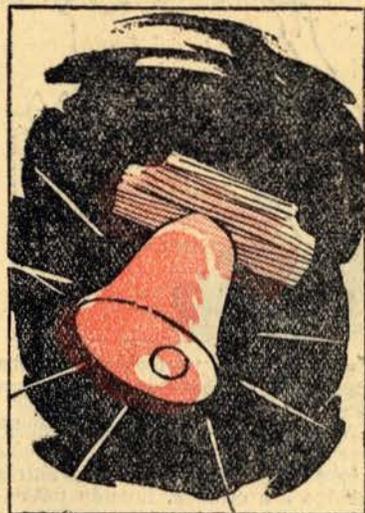
PRESEPIO MINIATURA

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Instruções: Caros amiguinhos:
 O «Pim-Pam-Pum» publica hoje mais uma construção; um presépio em miniatura, destinado aos nossos leitores pequeninos. Estamos a três dias do Natal, há tempo de sobra, portanto, para o terem armado nesse dia.
 Comecem por colar em cartão forte, a peça que serve de base ao conjunto e todas as outras em cartolina fina. Depois, tratem de observar as indicações das patilhas e... pronto.

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAÍ RIMAS E FIXAÍ CONCEITOS



Logo que cheguem as horas
 Das obrigações do dia,
 Deveis partir sem dem....
 Cumprí-as com alegr...!

Que os filhos da Pátria amada,
 Dêste jardim sem rivais,
 Respeitem hora marc....
 Em tudo sendo pontu....!



Quando no tempo sombrio
 De inverneira glacial,
 A tiritar com o fr...
 Bater um pobre ao port...!

Dizei-lhe: — No nosso lar,
 Onde a fogueira crepita,
 Suba cá, venha aquent...
 Corpo que o gelo engrav...!



Vinde aqui a colocar
 Nos Lusíadas a mão,
 E juraí que haveis de am...
 Da família a instituç...!

E, se fizerdes assim,
 Em cada lar maternal,
 Transformareis num jard...
 A terra de Portug...!

—...«e à roda dêle, dansam crianças...»

—...«cantam os novos...»

—...«riem os velhos...»

Então, a mãe pinheira descansou.

Nunca mais os seus lamentos se ouviram, quebrando a paz dos campos.

A-pesar-de entristecida pela ausência do pinheirinho, já não sentia a neve que lhe caía em cima, porque o seu fi-

lho não sofria frio, não sentia o vento que lhe batia com violência, porque o seu filho estava abrigado dentro duma casa confortável, não sentia tanta amargura a apertar-lhe o coração, porque a sorte dêle fôra dar alegria às crianças, novos e velhos.

Assim terminou esta história duma mãe pinheira e do seu menino que, como todos vós deveis ter adivinhado, foi escolhido para ser um lindo pinheirinho do Natal.

a mentira de Luizinha



POR
DALIA MARIA
ILUSTRAÇÕES DE
RUY MANSO



VOU apresentar-vos, meus amiguinhos, a Luizinha tal como eu a conheci. Era loira e pobrezinha, inteligente e bondosa; tinha oito anos apenas e havia quatro que não tinha pai.

Sua mãe, uma boa e honesta mulher, era bordadora e só á custa de muito trabalho conseguia acudir ás despesas caseiras, porque embora aquele nunca lhe faltasse, pois grangeara a simpatia das pessoas do logar e para tôdas trabalhava, era mal remunerada, o que a obrigava a constantes esforços, não podendo abandonar um instante a agulha. Era pobre, sim, mas possuía uma grande riqueza:—aquela filha, em quem descobria dia a dia maiores tesouros de coração. Luizinha, boa e obediente, nunca mentira a sua mãe e era apontada como exemplo ás outras meninas da sua idade e mesmo mais velhas, que, sendo ricas, apouquentavam suas mães com a sua preguiça e desobediência; por isso, Luizinha era o orgulho da sua!

Um dia, Luiza, que freqüentava a escola, demorou-se um pouco mais em regressar a casa. Sua mãe já estava inquieta. Luizinha era sempre pontual e nada havia que fizesse retardar a sua chegada a casa, onde a mãe a esperava sorridente, bordando junto da janela. Mas, nesse dia, a pequena chegou atrasada.

A mãe interrogou-a e ela hesitou e desculpou-se, por fim, atrapalhadamente. Entretanto, Luiza emagrecia e a pobre mãe andava preocupada.

Porque havia a pequena de estar assim, se ela comia todo o almoçinho que levava e que era a melhor refeição que sua mãe lhe preparava, por ser a do meio dia, resumindo-lhe a da

noite, uma tigela de sôpas de leite?

A mãe insistia:—«Comeste tudo, minha filha?»—E a garota respondia:—«Sim, minha mãe»—Mas fugia para que a mãe lhe não notasse a confusão. Pela primeira vez, Luiza mentira a sua mãe!

Os dias passavam e a pequena abatia sempre.

O caso era este: num dia em que Luizinha seguia o caminho da escola, aproximou-se-lhe, pedindo esmola, uma

pequenita corren a levar á pobre choupana onde vivia com os avós. No dia seguinte lá estava a pequena á espera da Luizinha que levava a sua caridade ao ponto de andar visitando os vèlhinhos, consolando-os e servindo-lhes o seu próprio almoço. Assim, a boa menina, privada da sua melhor refeição, ia emagrecendo a olhos vistos e perdendo o lindo rosado das faces.

Como gastava bastante tempo naquela visita caridosa, tinha de o recuperar, correndo até casa pelos atalhos mais curtos, para que sua mãe não notasse a sua demora.

Sofria a mãe de Luiza, por não conhecer a causa do abatimento de sua filha; mas, se a interrogava, ela esquivava-se a dar explicações, e a pobre mãe torturava-se só com a ideia de que a sua filhinha adorada pudesse adoecer.

Uma vez, em que Luizinha se encontrava á janela com sua mãe, ouviu vozes que se aproximavam e, olhando, viu, por debaixo da janela, o velho e a



pequenita, tão linda como ela mas tão esfarrapadinha que fazia dó; condida da pobrezinha, que lhe contara que vivia com a avó entreadinha e o avô tão vèlhinho que não podia trabalhar, ali lhe deu o almoço, que a

pequenita, seus protegidos, que lhe acenavam, exclamando:—«A nossa bemfeitora! A nossa bemfeitora.»

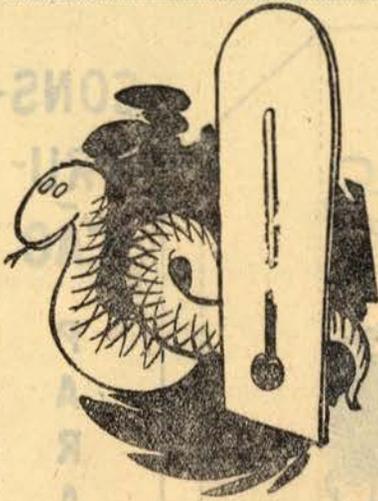
A pequena, por detrás da mãe, fazia-lhes sinais para que se calassem, mas a mãe surpreendeu-a e mandou entrar o velho e a criança, ficando pasmada ao ouvir da boca do vèlhinho a explicação daquelas palavras.

Luiza, confusa com os agradecimentos e também com a mentira que por tanto tempo mantivera para com sua mãe, refugiou-se-lhe nos braços a soluçar, enquanto a mãe, do fundo do coração, rendia graças a Deus por aquela filha que lhe dera, e que era o seu enlêvo e a sua glória.

Nunca deveis mentir, meus, meninos, a não ser piedosamente como neste caso, pois a mentira de Luizinha foi uma mentira santa, porque praticar o bem, e encobri-lo com prejuizo de si próprio, enobrece quem o faz, e só denuncia almas elevadas e puras, como a desta pequenita. Fixai bem, portanto, o exemplo da Luizinha.



CURIOSIDADES P A S S A T E M P O



Um jardim zoológico completo pode ser utilizado como um perfeito barômetro porque há vários animais que anunciam chuva com absoluta segurança.

Seguem-se alguns exemplos: Se os lobos úivam, se os pássaros aquáticos se mostram barulhentos, se as serpentes e lagartos se matêem imóveis nas cavidades das rochas, não tenham dúvida: — vai chover.

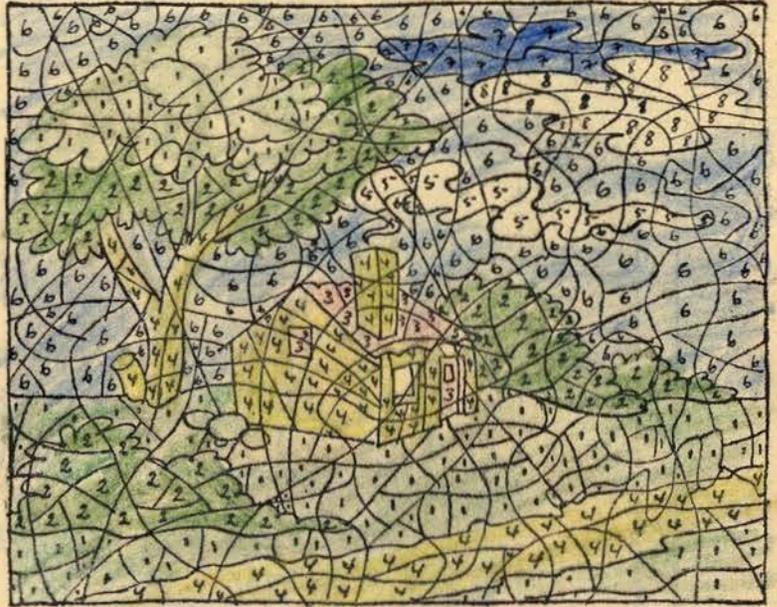
Porém, entre todos os animais, aquele que adivinha a chuva de modo mais evidente e perceptível até para uma criatura cega e surda, é o takim, um pequeno caprino do Thibet que, quando está a chover, exala um cheiro insuportável.



Recentemente, um sábio suíço alcançou notoriedade em toda a Europa, com a invenção de um processo para averiguar a qualidade dos tecidos... pelo som!

Afirma êle, que as verificações pelo tacto, pela visão ou por outro qualquer processo usual, são pouco seguras; mas o ruído de um tecido ao rasgar-se denuncia, com perfeita clareza, as substâncias que nêle entram.

Para esta verificação inventou um amplificador que permite distinguir nitidamente qualquer burla.

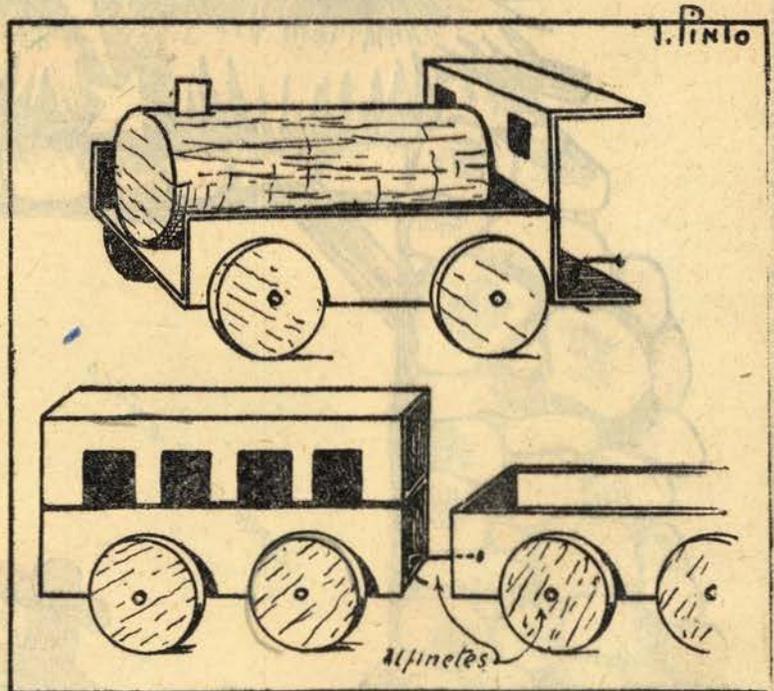


Ora cá temos outro passatempo de risquinhos emaranhados. Como das outras vezes, pintem com aguarelas os espaços numerados, de harmonia com as indicações que se seguem.

- 1 - Verde claro
- 2 - Verde escuro
- 3 - Encarnado
- 4 - Amarelo

- 5 - Branco
- 6 - Azul claro
- 7 - Azul escuro
- 8 - Cinzento

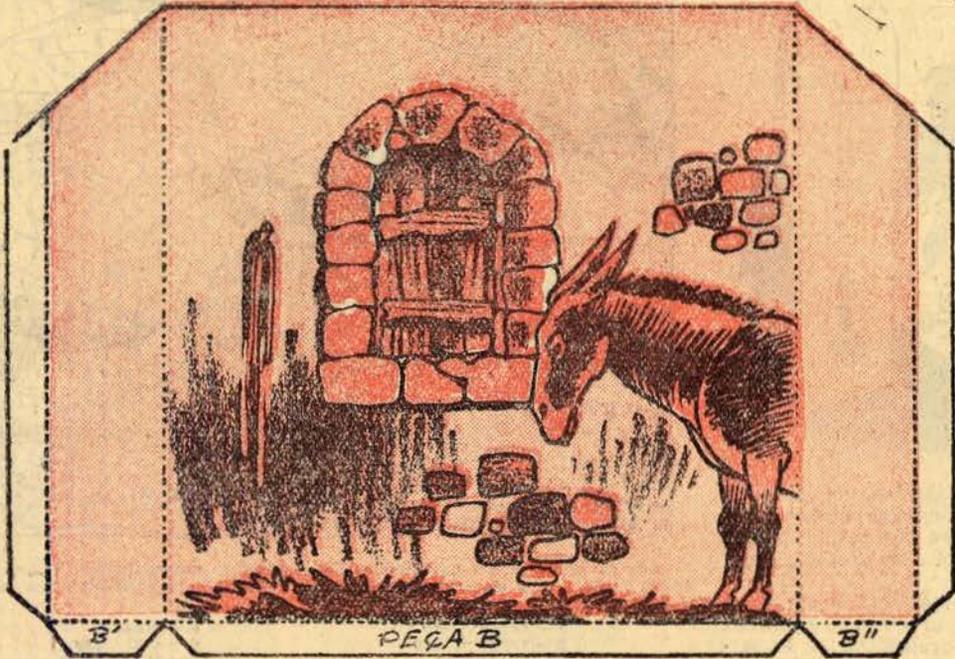
COMO SE FAZ UM COMBOIO COM RÔLHAS E CAIXAS DE FÓSFOROS



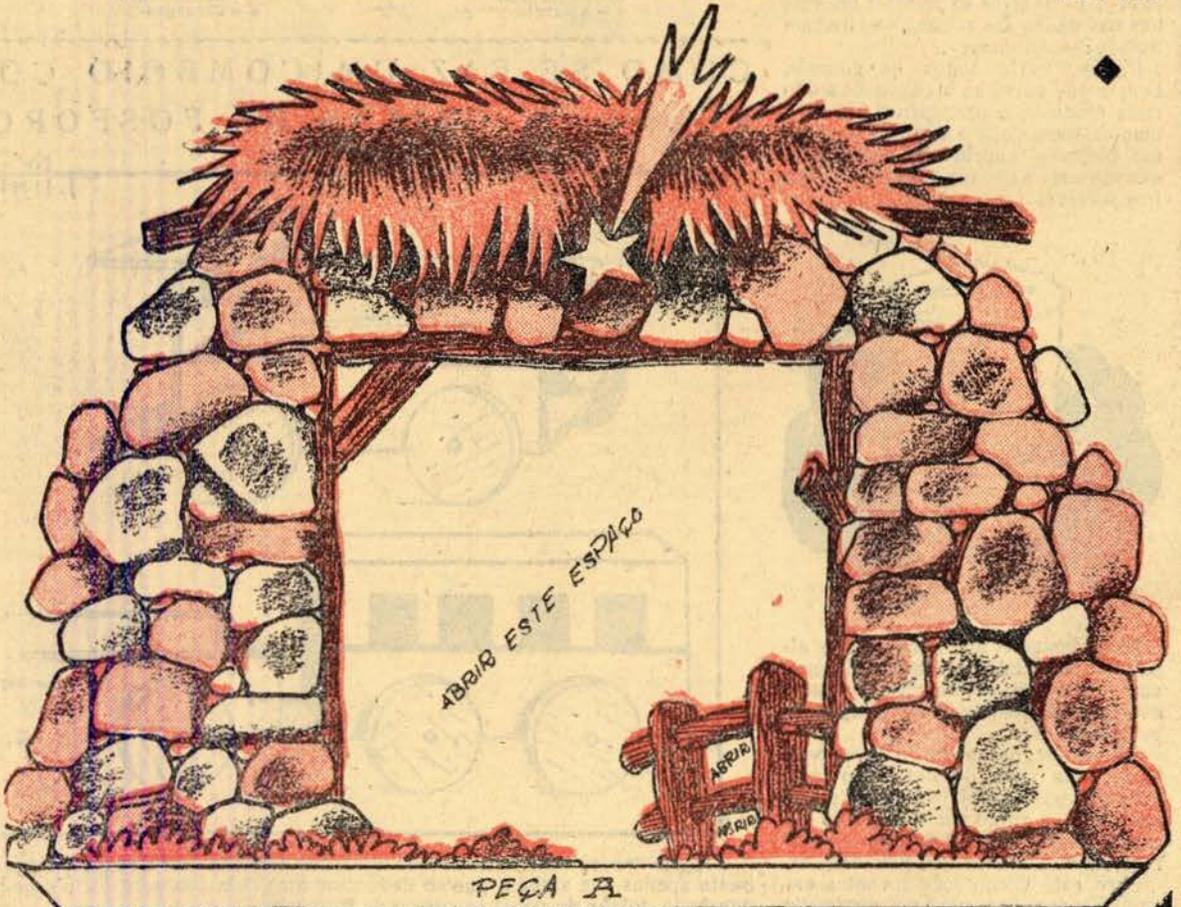
A gravura está suficientemente explicativa para precisar de mais indicações. Basta apenas que saibam que se deve usar uma cola bastante forte e podem, querendo, forrar de papel as caixas de fósforos.

As rodas são feitas de rôlha cortada em rodela e prêsas com alfinetes.

PRESEPIO MINIATURA



CON-
TRU-
ÇÃO
P
A
R
A
AR-
MAR



Lêr as instruções na página 5